SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA • 1988 • SEPTUAGÉSIMA-QUARTA TEMPORADA

Orquestra Gewandhaus de Leipzig
23/04 (Série Azul) - 24/04 (Série Branca) - 25/04 (Extra Assinaturas)

Antonio Meneses & Cristina Ortiz
01/05 (Série Branca) - 02/05 (Série Azul)

The BBC Singers
09/05 (Extra Assinaturas)

Melos Quartett
22/05 (Série Branca) - 23/05 (Série Azul)

Beaux Arts Trio
13/06 (Série Branca) - 14/06 (Série Azul)

Orquestra Sinfônica de Stuttgart
12/07 (Série Branca) - 13/07 (Série Azul)

Coro Monteverdi de Hamburgo
02/08 (Série Branca) - 03/08 (Série Azul)

Orquestra de Câmara de Praga
05/09 (Série Branca) - 06/09 (Série Azul)

Jean-Pierre Rampal
14/09 (Série Branca) - 15/09 (Série Azul)

Aldo Ciccolini
19/09 (Série Branca) - 20/09 (Série Azul)

Katia & Marielle Labèque
07/11 (Série Branca) - 08/11 (Série Azul)

Sociedade de Cultura Artística
Septuagésima - quarta Temporada
1988
Teatro Cultura Artística

Associação Alumni

apresentam

Beaux Arts Trio
Menahem Pressler, piano
Isidore Cohen, violino
Peter Wiley, violoncelo

Promoção
ELDORADO FM 92,9

A Cultura Artística é uma entidade particular, sem fins lucrativos, - a mais antiga organização produtora de espetáculos em São Paulo. Trabalhamos com recursos provenientes da venda de assinaturas e ingressos de nossas apresentações e da cessão de nosso Teatro para as mais variadas atividades, incluindo peças teatrais, concertos, shows, seminários e convenções.

Para tornar possíveis nossas realizações, entretanto, necessitamos contar com o apoio de pessoas físicas e jurídicas. Queremos aqui agradecer a todos aqueles que, por meio de doações e patrocínios, prestigiaram nossas mais recentes Temporadas:

Alcoa Alumínio
Associação Alumni
Banca Nazionale del Lavoro
Banco Mercantil de São Paulo
Banco Nacional
Banco Sogeral
CCE - Audio / Vídeo / Informática
Companhia Brasileira de Alumínio
Embesa Indústria e Comércio
Fundação Japão
Grupo Pão de Açúcar
IBM Brasil
ICI Brasil
Indústria Klabin de Papel e Celulose
Istituto Italiano di Cultura
Mercedes Benz do Brasil
Pirelli
S.A. Indústrias Votorantim
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa
The British Council
Unibanco
USIS
VITAE

Se você quiser participar das apresentações programadas para este ano, entre em contato conosco. Teremos satisfação em vincular o nome de sua empresa a toda a divulgação de nossos espetáculos.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196
01303 São Paulo SP
Fone 256.0223
Bilheteria 258.3616

Reconhecida de Utilidade Pública por decreto Federal, Estadual e Municipal
Inscrita no Ministério da Cultura
sob n.º 35.000.386/86-30 (Lei Sarney)

'A única ocasião em que se pode realmente conhecer um músico é durante um concerto', - assegura Menahem Pressler, pianista do Beaux Arts, poucos dias após a primeira apresentação de Peter Wiley como novo violoncelista do grupo. 'Muito se pode aprender a respeito de um artista fora do palco ou durante os ensaios, mas é quando você está tocando frente a uma platéia, - quando a coisa é para valer, - que surge o verdadeiro **insight** a respeito de seus colegas. Nós nos conhecemos muitíssimo bem', - Pressler faz um gesto em direção a Isidore Cohen, violinista do Trio desde 1968. 'E eu diria que Peter juntou-se a nós em um momento privilegiado. Tocar com êle foi uma surpresa e um prazer'.

O Beaux Arts Trio estreou sua nova formação no Metropolitan Museum em outubro de 87 com um programa Haydn, Beethoven e Mendelssohn, calorosamente recebido. Substituições desse tipo não são tão raras. Grande parte dos mais famosos grupos sofreram tais mudanças e, a exemplo do Juilliard Quartet (Robert Mann, o primeiro violino, é o único remanescente da formação original), parecem ter absorvido tais flutuações com facilidade. Por outro lado, quando do falecimento de Peter Schidlof, viola do Amadeus, o quarteto preferiu dissolver-se a substituí-lo.

Único trio com piano consensualmente considerado no mesmo plano dos melhores quartetos de cordas do mundo, o Beaux Arts enfrentou o mesmo dilema no inverno passado, quando seu violoncelista Bernard Greenhouse manifestou a intenção de afastar-se da vida artística. Membro fundador do Trio juntamente com Pressler e o violinista Daniel Guilliet, aos 71 anos Greenhouse preferiu abdicar das constantes viagens exigidas pela carreira internacional para dedicar-se exclusivamente ao ensino. O problema dos remanescentes desta vez foi diferente do que a substituição de Guilliet em 1968. Naquela época o Trio estava formado a apenas 13 anos, e seus membros mal alcançavam a meia idade. Encontrar um novo integrante pertencente à mesma geração e com experiência camarística comparável não era tão difícil. Cohen, que havia deixado o Juilliard Quartet a poucos anos era a opção predileta. Porém poderia o Beaux Arts de hoje encontrar um cellista na casa dos 60 disposto a engajar-se num trio estruturado há 32 anos?
Parece lógico presumir-se que a idade de um instrumentista (ou mais precisamente, o meio e a época de sua formação) influi em suas atitudes, gostos e percepção musical. Pareceria lógico então que um grupo como o Beaux Arts sairia à procura de alguém com uma vivência semelhante à sua. Entretanto Cohen e Pressler asseguram que idade não é um fator tão importante. Eles simplesmente elaboraram uma lista de candidatos cujo primeiro nome era o de Peter Wiley - um cellista nascido no mesmo ano em que o Trio se formou.

'Nenhum músico quer sentir que suas idéias perderam a flexibilidade, mas a verdade é que com o passar do tempo começamos a aceitar certas coisas sem discussão, uma vez que já deram certo em outras ocasiões. Há um perigo nisso' - pondera Isidore Cohen. 'Gostaríamos que Peter sentisse que êle estará contribuindo com um terço do resultado daquilo que tocamos, e que se sinta livre para questionar: por que este retardo? por que esta inflexão? É evidente que no início Peter deverá absorver nossos tempos e nossa interpretação das peças. Afinal, nós as tocamos por anos, e é fundamental que o Trio mantenha uma fisionomia que os ouvintes reconheçam. E Peter tem se adaptado notavelmente!'

'Acredito já ter feito algum questionamento' - intervém Peter Wiley. 'E estou convicto de que a liberdade de trocar idéias acerca da interpretação é um dos pontos básicos para se fazer música. E certamente, ao fazer música com estes cavalheiros, não tenho sentido nenhuma restrição a que meus sentimentos se expressem livremente'.

'Uma coisa nunca faltou ao Beaux Arts' - finaliza Pressler: - 'Entusiasmo pela música. É nossa vida. E sentimos nosso entusiasmo renovado trabalhando com Peter. Talvez não seja fácil para êle ingressar em um grupo

famoso como o nosso. Mas a questão não é chegar ao topo, mas sim manter-se nessa posição e provar, - não aos outros, mas a si próprio, - que este é o seu lugar. Essa é a razão por que me agrada o processo de trabalhar novamente toda a literatura com um novo músico. Acredito que nosso trabalho já está delineado para os próximos 32 anos'.

De um artigo de **Allan Kozinn** para o **New York Times** em 6 de dezembro de 1987.

Sociedade de Cultura Artística
Septuagésima - quarta Temporada
1988
Teatro Cultura Artística

Associação Alumni

2.ª Feira, 13 de junho às 21 hs.
apresentação 1163

W.A. Mozart
(1756-1791)

Trio em Do Maior K 548
Allegro
Andante cantabile
Allegro

F. Mendelssohn
(1809-1847)

Trio n.º 1 em Ré Menor op 49
Molto allegro ed agitato
Andante con moto tranquillo
Scherzo (Leggiero e vivace)
Finale (Allegro assai appassionato)

Intervalo

F. Schubert
(1797-1828)

Trio em Mi bemol Maior op 100
Allegro
Allegro con moto
Scherzo (Allegro moderato)
Allegro moderato

Não se permite gravar ou fotografar
na sala de espetáculos

Beaux Arts Trio
Menahem Pressler, piano
Isidore Cohen, violino
Peter Wiley, violoncelo

3.ª Feira, 14 de junho às 21 hs.
Apresentação 1164

J. Haydn
(1732-1809

Trio em La Maior, Hob XV n.º 18
Allegro moderato
Andante
Allegro

D. Shostakovich
(1906-1975)

Trio n.º 2 em Mi Menor op 67
Andante; Moderato
Scherzo
Largo
Allegretto

Intervalo

J. Brahms
(1833-1897)

Trio n.º 1 em Si Maior op 8
Allegro con brio
Scherzo (Allegro molto)
Adagio
Finale (Allegro)

Pedimos o especial obséquio de eliminar qualquer sinal sonoro de seu relógio digital.

Tossir entre os movimentos de cada peça pode ser um hábito desnecessário. Evite este cacoete.

Próxima apresentação:
Orquestra Sinfônica de Stuttgart
Regente: **Garcia Navarro**
12 e 13 de julho às 21 hs.

O Trio

Na sua configuração hoje habitual, como a adotada pelo Beaux Arts - piano, violino e violoncelo -, o trio surgiu durante a segunda metade do século XVIII, em pleno Classicismo, portanto. Contudo, a tendência de escrever música a três vozes instrumentais já existia no Renascimento, ampliando-se posteriormente no período Barroco. As Sonatas em Trio dessa última época estilística, reunindo dois instrumentos de cordas em torno de um teclado, são exemplos disso.

E foi durante o Classicismo que amadureceu a idéia de entregar aos três instrumentos (e não mais fundamentalmente ao teclado) partes igualmente importantes na consecução da trama sonora. A partir desse momento, graças sobretudo às partituras da maturidade de Haydn, o gênero instituiu-se como portador de um discurso musical de interesse comparável ao do Quarteto de Cordas e à da Sinfonia. Belas provas de grande equilíbrio sonoro e formal são os exemplares que nos deixaram Mozart e Haydn.

Concebido geralmente em quatro movimentos de caráter contrastante, o Trio com Piano tornou-se bastante popular durante o século XIX, a ponto de obras sinfônicas terem sido transcritas para ele. Mas muitas obras-primas indiscutíveis destinadas especificamente à sua formação foram assinadas sucessivamente por Schubert, Mendelssohn, Schumann, Brahms, Franck, Dvorák e Tchaikovsky. O brilho virtuosístico da escritura e, acima de tudo, a alta voltagem expressiva estão entre as características de todas elas.
Em nosso século, o Trio com Piano foi relativamente deixado de lado pelos grandes compositores. Entretanto, podemos localizar obras de grande interesse nos catálogos de Fauré, Ravel, Ives, Vila-Lobos e Shostakovich.

Os compositores e suas obras

Franz Joseph Haydn (1732-1809) foi o principal responsável pela transformação do Trio com Piano em um veículo portador de importantes mensagens musicais. Retirou-o da mera condição de divertimento rococó, dando a ele a configuração de um meio flexível o suficiente para abrigar um discurso efetivamente sério. Abordou-o mais de trinta vezes, legando-nos um considerável acervo. Seu Trio em lá maior Hob. XV nº 18 é obra de maturidade e foi escrito em 1794, ano em que o compositor visitava a Inglaterra pela segunda vez. Aos 66 anos, Haydn aí dá provas de ser dono de uma espantosa jovialidade, traço que sempre soube manter, mesmo em obras de cunho mais dramático.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) apoiou-se diretamente no modelo de Haydn para escrever algumas das suas mais representativas partituras de câmara. Sua genialidade, entretanto, impediu que ele imitasse servilmente o arquétipo escolhido. Ao contrário: proporcionou-lhe a infra-estrutura necessária para que a sua prodigiosa imaginação alçasse largos vôos. Seu Trio em dó maior, K.548, o sexto e penúltimo que ele compôs, data de 1788 e precede de pouco tempo a sua derradeira sinfonia, a "Júpiter", também escrita na mesma tonalidade. O refinamento da escritura, na qual são localizáveis certas simbologias maçônicas, aponta para a maestria de um artista que sabia ser pessoal mesmo quando escrevia por encomenda, como é o caso do seu Trio.

Franz Schubert (1797-1828) soube, como ninguém, injetar uma nova significação às formas existentes. Apesar de ter-se mantido fiel ao quadro formal do Classicismo, utilizou-o de maneira tão pessoal que principalmente graças à sua nova concepção de colorido harmônico e, acima disso, ao seu lirismo inteiramente inédito - essa referência transfigurou-se em suas mãos. Seu Trio em mi bemol, op.100, D.929, datado de 1828 é exemplar no sentido de soar libertário. A flexibilidade formal dos seus movimentos extremos e a visão caleidoscópica do seu Andante com moto - onde uma balada sueca, **O Sol se põe**, é como que iluminada por vários ângulos - são claros prenúncios da revolução romântica.

Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847) foi o mais clássico dos grandes compositores da primeira geração de artistas românticos. Seu temperamento impediu que ele visse Beethoven sob a ótica revolucionária, como fariam seus colegas como Schumann, Berlioz e Liszt. Preferiu atá-lo às suas grandes admirações do seu tempo de menino-prodígio - Haydn e Mozart -, mais adequadas às sóbrias extroversões da sua personalidade. O Trio em ré menor, op.49 foi escrito por Mendelssohn quando este tinha trinta anos de idade. A aura da obra é decididamente romântica no que ela possui de enredamento melódico e de explosões anímicas, ainda que os traços formais pertençam à tradição.

Johannes Brahms (1833-1897) conseguiu, algo à maneira de Beethoven, fazer com que a música de câmara adquirisse uma respiração sinfônica, sem contudo perder nada do seu caráter de confissão íntima. Suas obras nesse domínio são exemplos máximos de equilíbrio formal, de imaginação construtiva e de pathos romântico. Nelas, a exuberância da invenção - espelhada em temas impulsivos, em harmonias peculiares e, sobretudo, no acentuado gosto pelas sutis assimetrias - é regulada, mas não domesticada, pelos parâmetros das formas assimiladas. O Trio nº 1, em si maior, op.8 é a primeira partitura de câmara do compositor, o qual revisou-o grandemente bem mais tarde. Mas o aspecto de jubilosa e agitada juventude do Brahms de 1854 aí permanece intacto.

Dmitri Shostakovich (1906-1975) destinou à música de câmara todo um universo de emoções e de preocupações estéticas que nem sempre conseguiu imprimir ao discurso efetivamente mais público da suas obras sinfônicas. Seu Trio com Piano nº2, em mi menor, op.67, data de 1944, época em que ele ainda não havia escrito o fundamental do seu considerável ciclo para quarteto de cordas. Mas ele já havia composto, quatro anos antes, o Quinteto com Piano em sol menor, op.57, que havia rendido a ele o Prêmio Stalin.
O Trio, predominantemente elegíaco, foi pensado como uma metafórica homenagem do compositor à memória de um de seus maiores amigos, então recentemente falecido.
Foi possivelmente um meio que Shostakovich encontrou para insurgir-se contra a ditadura da política oficial do seu país relativa à arte, o Realismo Socialista.

Notas de programa
J. Jota de Moraes

Design e edição
Nuno Bittencourt

LA BOURGOGNE

Seguindo a Tradição da
melhor Cozinha Francesa

AL. Ministro Rocha Azevedo, 539
Tel - 280 - 3046 e 280 - 3657 - SP

Ouça seu concerto preferido numa reclinável Lafer

seu prazer será redobrado

Poltrona Pony

Reclináveis Pony, Jet e Venus da Lafer nas

interdomus LAFER
a maior coleção de móveis finos de São Paulo

Rua Lavapés, 6 - Tel.: 278-6722
Rua Cubatão, 283 - Tel.: 289-6333
Av. Faria Lima, 1734 - Tel.: 212-5594

ou

interdomus
a divisão colorida da Interdomus Lafer

Av. Ibirapuera, 2266 - Tel.: 542-6152
Lar Center - Tel.: 298-2900